



“Uma fantasia original.
Para fãs de Neil Gaiman.”

The Guardian

V.E. SCHWAB

uma
**conjunção
de luz**



OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELO GRUPO EDITORIAL RECORD:

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

V.E. SCHWAB

uma
conjuraco
de luz

1ª edio

Traduo de
Ana Carolina Delmas



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SO PAULO

2020

EDITORA-EXECUTIVA Renata Pettengill	REVISÃO
SUBGERENTE EDITORIAL	Glória Carvalho CAPA
Mariana Ferreira ASSISTENTE EDITORIAL	Layout adaptado de Julia Lloyd/ Titan Books
Pedro de Lima AUXILIAR EDITORIAL	DIAGRAMAÇÃO
Juliana Brandt COPIDESQUE	Beatriz Carvalho TÍTULO ORIGINAL
Flavia de Lavor	<i>A Conjuring of Light</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJJ

S426c

Schwab, V. E., 1987—

Uma conjuração de luz [recurso eletrônico] / V. E. Schwab; tradução Ana Carolina Delmas. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

recurso digital (Tons de magia; 3) Tradução de: A Conjuring of Light Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-65-5587-171-5 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

20-67431

CDD: 813
CDU: 82-3(73) Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária
– CRB-7/6439

Copyright © 2017 by Victoria Schwab Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-171-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para aqueles que encontraram o caminho de casa.

*A magia pura não tem identidade. Ela simplesmente existe; é uma força da natureza,
o sangue de nosso mundo, o tutano de nossos ossos.
Nós lhe damos forma, mas jamais devemos lhe dar alma.*

— MESTRE TIEREN,
Sumo sacerdote do Santuário de Londres

SUMÁRIO

Um – Mundo em ruínas

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII
- IX
- X
- XI

Dois – Cidade nas sombras

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII

Três – Sucumbir ou lutar

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI

Quatro – Armas à mão

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI

VII
VIII
IX

Cinco – Cinzas e reparações

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX

Seis – Execução

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX

Sete – Zarpando

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

Oito – Águas inexploradas

I
II
III
IV
V
VI
VII

VIII
IX

Nove – Confusão

I
II
III
IV
V
VI
VII

Dez – Sangue e vínculos

I
II
III
IV
V
VI
VII

Onze – Morte no mar

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

Doze – Traição

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

Treze – O lugar de um rei

I
II

III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

Quatorze – Antari

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

Quinze – Anoshe

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

UM

MUNDO EM
RUÍNAS

I

Delilah Bard — eterna ladra, recém-descoberta maga e sempre com a esperança de um dia se tornar pirata — corria o mais rápido que podia.

Agente firme, Kell, pensou ela enquanto percorria as ruas da Londres Vermelha, o estilhaço de pedra que um dia fez parte da boca de Astrid Dane ainda firme na sua mão. Um souvenir roubado em outra vida, quando a magia e a existência de mundos múltiplos ainda eram novidade para ela. Quando tinha acabado de descobrir que as pessoas podiam ser possuídas, ou amarradas feito cordas, ou transformadas em pedra.

Fogos de artifício retumbavam ao longe, recebidos com vivas, cantos e música, os sons de uma cidade que comemorava o fim do *Essen Tasch*, o torneio de magia. Uma cidade alheia ao horror que ocorria no seu cerne. Lá no palácio, o príncipe de Arnes, Rhy, estava morrendo, o que significava que em algum lugar, a um mundo de distância, Kell também estava.

Kell. O nome reverberou por ela com a potência de uma ordem, de uma súplica.

Lila alcançou a estrada que procurava e desacelerou, cambaleando até parar, a faca já desembainhada, a lâmina pressionada na pele da sua mão. O coração dela martelava enquanto virava as costas para o caos e pressionava a palma sangrenta — e a pedra ainda aninhada nela — na parede mais próxima.

Lila já fez essa viagem duas vezes, mas sempre como passageira.

Sempre usando a magia de Kell.

Nunca a própria.

E jamais sozinha.

Mas não havia tempo para pensar nem para sentir medo, e muito menos para esperar.

Com peito arfando e pulso frenético, Lila engoliu em seco e pronunciou as palavras com toda a coragem que conseguiu reunir. Palavras que pertenciam apenas aos lábios de um mago de sangue. Um *Antari*. Como Holland. Como Kell.

— *As Travars*.

A magia subiu cantando pelo seu braço, espalhou-se pelo seu peito e então a cidade a envolveu com um solavanco, a gravidade oscilando conforme o mundo se abria.

Lila pensou que seria fácil, ou, ao menos, *simples*.

Algo a que se sobrevive ou não.

Ela estava enganada.

II

A um mundo de distância, Holland estava afundando.

Ele lutou para chegar à superfície da própria mente apenas para ser mais uma vez empurrado para o fundo da água escura por uma vontade forte como ferro. Ele lutou, arranhou, arquejou buscando ar; sua força se esvaindo cada vez que o corpo se debatia, a cada esforço desesperado. Era pior que perecer, porque perecer acabaria dando lugar à morte, mas isso não.

Não havia luz. Nem ar. Nem força. Tudo tinha sido tirado dele, amputado, deixando apenas escuridão e, em algum lugar além da opressão, uma voz gritando o seu nome.

A voz de Kell...

Longe demais.

Holland não conseguiu mais se segurar, ele fraquejou, escorregou, e estava afundando novamente.

Tudo o que ele sempre quis foi trazer a magia de volta, ver este mundo poupado da sua morte lenta e inexorável, uma morte causada primeiro pelo medo de outra Londres e depois pelo seu próprio medo.

Tudo o que Holland queria era ver o seu mundo recuperado.

Revigorado.

Ele conhecia as lendas — os sonhos — de um mago poderoso o suficiente para realizar isso. Forte o bastante para soprar ar de volta aos seus pulmões famintos e acelerar seu coração moribundo.

Até onde Holland se lembrava, isso era tudo que ele queria.

E, até onde Holland se lembrava, sempre desejou que esse mago fosse *ele*.

Mesmo antes de a escuridão florescer no seu olho, marcando-o com o sinal do poder, queria que fosse ele. Quando era criança, ficava de pé nas margens do Sijlt atirando pedras na superfície congelada, imaginando que seria ele a fender o gelo. Já adulto, mantinha-se entre as árvores do Bosque de Prata rezando para ter força e proteger seu lar. Nunca quis ser *rei*, mesmo que nas histórias o mago sempre o fosse. Ele não queria governar o mundo. Queria apenas salvá-lo.

Naquela primeira noite, Athos Dane chamou isso de arrogância, quando Holland foi arrastado, sangrando e semiconsciente, até os aposentos do novo rei. Arrogância e orgulho, repreendeu ele enquanto entalhava a sua maldição na pele de Holland.

Coisas a serem subjugadas.

E Athos o conseguiu. Ele subjugou Holland quebrando osso por osso, dia após dia, uma ordem após a outra. Até que tudo o que Holland desejava, mais que a habilidade de salvar o seu mundo, mais que a força para trazer a magia de volta, mais que *qualquer coisa*, era que isso acabasse.

Era covardia, ele sabia, mas a covardia vem à tona com muito mais facilidade que a esperança.

E naquele momento na ponte, quando Holland baixou a guarda e deixou o jovem e mimado príncipe Kell atravessar seu peito com a barra de metal, a primeira coisa que sentiu — primeira, última e *única* coisa que sentiu — foi alívio.

Porque aquilo estava, enfim, acabado.

Mas não estava.

Não é fácil matar um *Antari*.

Quando Holland acordou, deitado num jardim morto, numa cidade morta, num mundo morto, a primeira coisa que sentiu foi dor. A segunda, foi liberdade. Athos Dane não tinha mais nenhum controle sobre ele, e Holland estava vivo. Ferido, porém vivo.

E encalhado.

Preso num corpo machucado e num mundo sem portas à mercê de outro rei. Mas dessa vez ele tinha uma *escolha*.

A oportunidade de dar um jeito nas coisas.

Ele se postou, quase morto, diante do trono de ônix, e falou ao rei entalhado em pedra, trocando sua liberdade por uma chance de salvar a sua Londres, de vê-la florescer novamente. Holland fez o acordo e pagou com corpo e alma. E com o poder do rei das sombras ele enfim trouxe a magia de volta, viu seu mundo florescer em cores, seu povo se revitalizar com esperança, sua cidade ser restaurada.

Fez tudo o que estava ao seu alcance, abriu mão de tudo o que tinha para mantê-lo a salvo.

Mas ainda não era o bastante.

Não para o rei das sombras, que queria sempre mais, que se fortalecia a cada dia e desejava o caos, desejava a magia na sua forma mais pura, almejava um poder sem limites.

Holland estava perdendo o controle do monstro que habitava o seu corpo.

E, então, ele fez a única coisa que poderia fazer.

Ofereceu outro receptáculo a Osaron.

— *Muito bem...* — disse o rei, o demônio, o deus. — *Mas, se você não conseguir persuadi-lo, vou ficar com o seu corpo para mim.*

E Holland concordou. Como poderia discordar?

Faria qualquer coisa por Londres.

E Kell — o mimado, infantil e teimoso Kell, subjugado, impotente e capturado por aquela maldita gargantilha — ainda assim recusou.

É claro que recusou.

É claro...

Foi então que o rei das sombras sorriu, com os lábios do próprio Holland, que lutou com toda a força que conseguiu reunir. Mas trato é trato, e o acordo estava feito. Holland sentiu Osaron se erguer com um único e violento movimento e empurrá-lo para baixo, para as profundezas da sua própria mente, onde foi forçado a ficar pela corrente da vontade do rei das sombras.

Indefeso, preso num corpo, num acordo, incapaz de fazer qualquer coisa além de observar, de sentir e de se afogar.

— Holland!

A voz de Kell irrompeu enquanto ele espremia o corpo ferido na estrutura de metal, da mesma forma que *Holland* fez outrora, quando Athos Dane o prendeu pela primeira vez. O subjugou. A estrutura de metal drenou a maior parte do poder de Kell e a gargantilha no pescoço extirpou o resto. Havia terror nos olhos de Kell, um desespero que surpreendeu Holland.

— Holland, seu canalha, reaja, lute!

Ele tentou, porém seu corpo não mais lhe pertencia, e sua mente exausta estava afundando cada vez mais...

Desista, disse o rei das sombras.

— Mostre-me que você não é fraco! — provocava-o a voz de Kell. — Prove que não é só um escravo da vontade dos outros.

Você não pode me deter.

— Você chegou mesmo até aqui para se entregar assim?

Eu já venci.

— Holland!

Holland odiava Kell e, naquele instante, o ódio era quase suficiente para lhe dar forças. Mas, ainda que quisesse morder a isca do outro *Antari*, Osaron era inflexível.

Holland ouviu a própria voz, mas obviamente não era a dele. Era uma versão distorcida emitida pelo monstro que usava o seu corpo. Holland segurava uma moeda carmesim, um símbolo de outra Londres, da Londres de Kell, que xingava e se debatia nas amarras até o peito arfar e os punhos ficarem ensanguentados.

Inútil.

Tudo isso era inútil.

Mais uma vez, ele era um prisioneiro no próprio corpo. A voz de Kell ecoou na escuridão.

Você apenas trocou um mestre por outro.

Agora eles se moviam, Osaron guiava o corpo de Holland. A porta se fechou atrás deles, mas os gritos de Kell ainda eram lançados na madeira, despedaçando-se em sílabas partidas e gritos sufocados.

Ojka estava de pé no corredor afiando suas facas. Ela ergueu o olhar, revelando a cicatriz em forma de crescente numa das faces e os olhos de duas cores, um amarelo e outro preto. Uma *Antari* forjada pelas mãos deles, pela vontade deles.

— Vossa Majestade — disse ela, empertigando-se.

Holland tentou emergir, tentou forçar a própria voz a atravessar os lábios dele, os seus próprios lábios. Mas, quando a fala veio, as palavras eram de Osaron.

— Vigie a porta. Não deixe ninguém passar.

A centelha de um sorriso perpassou o rasgão vermelho que era a boca de Ojka.

— Como quiser.

O palácio passou feito um borrão e então estavam do lado de fora, ladeando as estátuas dos gêmeos Dane na base da escadaria, movendo-se rapidamente sob um céu maculado através de um jardim que agora estava repleto de árvores em vez de corpos.

O que aconteceria com aquele lugar sem Osaron, sem *ele*? A cidade continuaria a florescer? Ou ruiria como um corpo extirpado de vida?

Por favor, implorou ele, silenciosamente. *Este mundo precisa de mim.*

— *Não há sentido nisso* — respondeu Osaron em voz alta, e Holland ficou enjoado porque isso era um pensamento na sua mente e não as suas palavras. — *Ele já está morto* — prosseguiu o rei. — *Recomeçaremos. Encontraremos um mundo digno do nosso poder.*

Eles alcançaram o muro do jardim, e Osaron retirou uma adaga da bainha na cintura. O corte do aço na carne não foi nada, como se Holland tivesse sido extirpado dos sentidos, enterrado fundo demais para sentir alguma coisa além do encarceramento de Osaron. Mas, conforme os dedos do rei das sombras se sujaram com o sangue e levaram a moeda de Kell até a parede, Holland tentou lutar uma última vez.

Ele não podia recuperar o seu corpo — não ainda, não por completo —, mas talvez não precisasse do controle total.

Uma das mãos. Cinco dedos.

Ele reuniu cada grama de força, cada fiapo de controle e os direcionou para aquele membro. E, no meio do caminho até a parede, a mão se deteve, pairando no ar.

O sangue escorreu pelo seu punho. Holland conhecia as palavras para destruir um corpo, para transformá-lo em gelo, em cinzas ou em pedra.

Tudo que precisava fazer era levar a própria mão ao peito.

Tudo que precisava fazer era dar forma à magia...

Holland sentia o aborrecimento perpassar por Osaron. Aborrecimento, mas não fúria, como se esta última resistência, este grande protesto, não fosse mais que uma comichão.

Que entediante.

Holland continuou lutando e conseguiu até guiar a própria mão por um centímetro ou dois.

Desista, Holland, advertiu a criatura na sua mente.

Holland fez com que o último resquício de determinação fosse para a mão, arrastando-a por mais um centímetro.

Osaron suspirou.

Não precisava ser assim.

O comando de Osaron o atingiu em cheio, como se o tivesse arremessado contra um muro. Seu corpo não se moveu, mas sua mente sofreu um solavanco e foi jogada para trás, paralisada por uma dor excruciante. Não a dor que sentiu centenas de vezes, à qual aprendeu a sobreviver, a deixar de lado, da qual poderia escapar. Essa dor estava enraizada no seu âmago. Ela o acendeu, repentina e incandescentemente, cada nervo queimando com tal calor calcinante que ele gritou, gritou e gritou dentro da própria cabeça até que a escuridão, por fim e misericordiosamente, fechou-se à sua volta, forçando-o a submergir.

E, dessa vez, Holland não tentou retornar à superfície.

Desta vez, ele se deixou submergir.

III

Kell continuou a se jogar na estrutura de metal por muito tempo depois de a porta ser fechada e o ferrolho trancado. Sua voz ainda ecoava nas paredes de pedra pálida. Gritou até ficar rouco. E, ainda assim, ninguém veio. O medo o esmagava; entretanto, o que mais o assustava era o que se afrouxava no seu peito — a desconexão de um vínculo vital, a crescente sensação de perda.

Ele mal sentia a pulsação do irmão.

Mal sentia alguma coisa além da dor nos pulsos e de um frio terrível e entorpecente. Ele se retorceu na estrutura de metal, lutando contra as amarras, mas elas não cederam. Havia feitiços rabiscados pelas laterais do dispositivo e, a despeito da quantidade de sangue que Kell esfregava no aço, ainda havia a gargantilha no pescoço que extirpava tudo de que precisava. Tudo que possuía. Tudo que *era*. A gargantilha lançava uma sombra na sua mente, uma película gélida nos seus pensamentos, um pânico depressivo, uma tristeza e, acima de tudo, uma ausência de esperança. De força. *Desista*, sussurrava pelo seu sangue. *Você nada tem. Você nada é. Impotente.*

Ele nunca foi impotente.

Não sabia ser impotente.

O pânico aflorou no lugar da magia.

Ele precisava fugir.

Fugir dessa estrutura de metal.

Fugir dessa gargantilha.

Fugir desse mundo.

Rhy havia entalhado uma palavra na própria pele para trazer Kell de volta para casa, e ele lhe deu as costas e partiu novamente. Abandonou o príncipe, a coroa, a cidade. Seguiu uma mulher de branco por uma porta entre mundos porque ela lhe disse que ele era necessário, disse que ele podia ajudar, disse que era culpa dele e que ele precisava consertar as coisas.

O coração de Kell fraquejou dentro do seu peito.

Não. Não o *seu* coração, mas o de Rhy. Uma vida atrelada à dele com magia que ele não *possuía* mais. O pânico queimou outra vez, um sopro de calor no frio entorpecente, e Kell se agarrou àquilo, lutando contra o pânico vazio da gargantilha. Ele se empertigou na estrutura de metal, cerrou os dentes e *puxou* a algema até sentir o estalo dos ossos do punho, o rasgo na pele. O sangue verteu em gotas pesadas pelo chão de pedra, vibrante mas inútil. Ele mordeu os lábios para conter o grito conforme o metal se arrastava — se enterrava — na pele. A dor subiu lancinante pelo braço, porém ele continuou puxando, o metal rasgando o músculo e, então, o osso antes que a mão direita, enfim, estivesse livre.

Kell cambaleou para trás com um arquejo e tentou envolver a gargantilha com os dedos ensanguentados e vacilantes, mas, no momento em que tocou o metal, um frio terrível e cortante subiu pelo seu braço e invadiu sua cabeça.

— *As Steno* — implorou ele. — *Quebrar.*

Nada aconteceu.

Nenhum poder emergiu para encontrar as palavras.

Kell soluçou e se recostou na estrutura de metal. O cômodo se inclinou e escureceu, e ele sentiu a mente deslizando para a escuridão, mas forçou o corpo a ficar de pé, obrigando-se a

engolir a bile que subia pela garganta. Ele fechou a mão descarnada e esmigalhada em volta do braço ainda preso e começou a puxar.

Foram minutos que pareceram horas, anos, antes que Kell por fim conseguisse se libertar.

Ele tropeçou para fora da estrutura e oscilou para ficar de pé. As algemas de metal haviam feito um corte profundo em seus pulsos — fundo demais — e a pedra pálida sob seus pés era agora de um vermelho escorregadio.

É seu?, sussurrou uma voz.

A memória do rosto jovem de Rhy retorcido de horror ao ver os antebraços dilacerados de Kell, o sangue em filetes por todo o peito do príncipe. *É tudo seu?*

Agora o vermelho escorria da gargantilha enquanto Kell puxava freneticamente o metal. Seus dedos doíam com o frio enquanto procuravam o fecho e o agarrava, mas ele não se mexia. Kell não conseguia mais focalizar direito. Tropeçou no próprio sangue e caiu, apoiando-se nas mãos fraturadas. Gritou de dor, encolhendo-se ao mesmo tempo que berrava com o próprio corpo para que se levantasse.

Precisava se levantar.

Precisava voltar para a Londres Vermelha.

Precisava deter Holland — deter *Osaron*.

Precisava salvar Rhy.

Precisava, precisava, precisava... Mas, naquele momento, tudo o que Kell conseguiu fazer foi se deitar no mármore frio com o calor se esvaindo numa poça rasa e vermelha ao seu redor.

IV

O príncipe desabou na cama, encharcado de suor, engasgado com o gosto metálico de sangue. À sua volta, vozes se erguiam e baixavam, ao passo que o quarto era um borrão de sombras e réstias de luz. Um grito rasgou seus pensamentos, embora sua mandíbula estivesse cerrada pela dor. Uma dor que era e não era dele.

Kell.

Rhy se curvou, tossindo e cuspiendo sangue e bile.

Ele tentou se levantar. Precisava ficar de pé, tinha que encontrar o irmão. Mas diversos pares de mãos surgiram da escuridão, lutando contra ele, segurando-o nos lençóis de seda; dedos se enterravam nos ombros, nos pulsos e nos joelhos, e de repente a dor estava ali outra vez, brutal e pontiaguda, descarnando a pele e arrastando suas unhas pelos ossos. Rhy tentou se lembrar. Kell: preso. A cela dele: vazia. Buscas pelo pomar banhado pelo sol. Ele chamando o nome do irmão. E então, do nada, veio a dor, deslizando por entre as costelas como na outra noite. Uma coisa horrível e lancinante, e logo ele não conseguia mais respirar.

Ele não conseguia...

— Não desista — pedia uma voz.

— Fique comigo.

— Fique...



Rhy aprendeu cedo a diferença entre desejo e necessidade.

Ser filho e herdeiro — o único herdeiro — da família Maresh, a luz de Arnes, o futuro do império, significava que ele jamais (como uma babá certa vez lhe disse, antes de ser retirada do serviço à realeza) havia de fato passado por nenhuma *necessidade*. Roupas, cavalos, instrumentos musicais e artigos finos; tudo o que ele precisava fazer era pedir e lhe seria concedido.

E, ainda assim, o jovem príncipe *desejava* — e muito — algo que não podia ser conseguido. Desejava aquilo que corria no sangue de tantos meninos e meninas nascidos na pobreza. O que vinha tão facilmente ao seu pai, à sua mãe, a Kell.

Rhy desejava a *magia*.

E desejava com um ardor que rivalizava com qualquer necessidade.

Seu nobre pai tinha habilidade com metais e sua mãe o domínio fácil sobre a água, mas a magia não era a mesma coisa que ter cabelos pretos, olhos castanhos ou nascer na alta sociedade. Não seguia as regras de hereditariedade, não era passada de pai para filho. Ela escolhia o próprio curso.

E, aos 9 anos, a magia já dava indícios de não ter escolhido Rhy.

Mas Rhy Maresh se recusava a acreditar que havia sido completamente ignorado; ela *tinha* de estar ali, em algum lugar dentro dele, como uma pequena chama de poder esperando

pelo sopro no momento certo, esperando ser atizada. Afinal, ele era um príncipe. E, se a magia não viesse até ele, ele iria até ela.

Foi essa lógica que o trouxera até aqui, até o chão de pedra da antiga e gélida biblioteca do Santuário, tremendo enquanto o frio das correntes de ar penetrava pela seda bordada das suas calças (feitas para o palácio, onde a temperatura era sempre amena).

Sempre que Rhy reclamava do frio do Santuário, o velho Tieren franzia o cenho.

A magia produz seu próprio calor, dizia ele, o que seria perfeito se você fosse um mago, o que Rhy não era.

Ainda não.

Desta vez, ele não reclamara. Sequer avisara ao sacerdote que estava ali.

O jovem príncipe se agachou numa alcova nos fundos da biblioteca, escondido entre uma estátua e uma grande mesa de madeira, e abriu no chão o pergaminho roubado.

Rhy nascera com dedos ágeis, mas obviamente, sendo da realeza, quase nunca precisava utilizá-los. As pessoas estavam sempre se propondo a lhe oferecer as coisas de bom grado, inclusive dispostas a levá-las até ele, desde uma capa num dia frio até um bolo decorado direto da cozinha do palácio.

Mas Rhy não requisitara o pergaminho; ele o retirara da mesa de Tieren, um entre outros tantos atados com as finas fitas brancas que os designava como feitiços de sacerdote. Nenhum deles era muito sofisticado ou elaborado, para a decepção de Rhy. Em vez disso, eram todos voltados para alguma utilidade prática.

Feitiços para impedir a comida de estragar.

Feitiços para proteger o pomar das geadas.

Feitiços para manter o fogo queimando sem combustível.

E Rhy testaria cada um deles até descobrir algum feitiço que fosse capaz de executar. Um feitiço que mostrasse que a magia certamente estava adormecida nas suas veias. Um feitiço que pudesse *despertá-la*.

Uma brisa varreu o Santuário conforme ele retirava um punhado de lins vermelhos do bolso e os colocava em cima do pergaminho para mantê-lo no chão. Sobre a página, com a caligrafia firme do sacerdote, havia um mapa. Não como o mapa na sala de guerra do seu pai, que exibia o reino inteiro. Não, este era o mapa de um feitiço. Um diagrama de magia.

No alto do pergaminho havia três palavras na língua comum.

Is Anos Vol, leu Rhy.

A Chama Eterna.

Abaixo dessas palavras havia um par de círculos concêntricos conectados por linhas delicadas e repletos de pequenos símbolos, a forma abreviada preferida, utilizada pelos fazedores de feitiços de Londres. Rhy estreitou os olhos, tentando extrair algum sentido daqueles rabiscos. Ele possuía aptidão para idiomas, captando a cadência etérea da língua faroense, as ondas entrecortadas de cada sílaba em veskano, as colinas e os vales dos dialetos fronteiriços do próprio Arnes. Porém, as palavras no pergaminho pareciam mudar e esmaecer diante dos seus olhos, entrando e saindo de foco.

Ele mordeu o lábio (era um mau hábito, do qual sua mãe sempre o advertia por não ser muito *principesco*), e então pousou as mãos, uma em cada lado do papel, a ponta dos dedos roçando o círculo externo, e iniciou o feitiço.

Ele manteve os olhos focados no centro da folha enquanto lia, pronunciando cada palavra, os fragmentos desajeitados e partidos na língua. Seu pulso martelou nos ouvidos, a

batida descompassada com o ritmo natural da magia. Mas Rhy continuou com o feitiço, sustentando-o apenas com a força do seu comando, e, conforme se aproximava do fim, uma sensação de formigamento começou a se manifestar nas suas mãos. Ele podia senti-la subindo pelas palmas, pelos dedos, roçando o limite do círculo, e então...

Nada.

Nenhuma fagulha.

Nenhuma chama.

Ele pronunciou o feitiço uma, duas, três vezes, mas o calor nas mãos já se desvanecia, dissolvendo-se numa mera comichão de dormência. Desanimado, ele permitiu que as palavras sumissem, levando o restante da sua concentração com elas.

O príncipe se deixou cair nas pedras frias.

— *Santo!* — murmurou ele, mesmo sabendo que era uma péssima forma de praguejar e que era ainda pior fazer aquilo *ali*.

— O que você está fazendo?

Rhy ergueu o olhar e viu o irmão de pé na entrada da alcova com uma capa vermelha envolvendo os ombros estreitos. Mesmo com 10 anos e 9 meses, o rosto de Kell tinha o ar de um homem sério, especialmente por causa da ruga entre as sobrancelhas. O cabelo ruivo de Kell reluzia até na luz cinzenta da manhã, e os seus olhos — um azul e outro preto como a noite — faziam com que as pessoas olhassem para baixo, desviassem o olhar. Rhy não sabia bem o porquê, mas sempre fazia questão de encarar Kell de frente para lhe mostrar que aquilo não importava. Olhos eram apenas olhos.

Kell não era seu irmão *de verdade*, é claro. Mesmo com um olhar de relance se perceberia como eram diferentes. Kell era uma amálgama, como se diferentes tipos de argila tivessem sido entremeados: tinha a pele pálida de um veskano, o corpo delgado de um faroense e o cabelo acobreado encontrado apenas na fronteira norte de Arnes. Além disso, é claro, havia seus olhos. Um natural, ainda que não particularmente arnesiano, e o outro *Antari*, marcado pela própria magia como *aven*. Abençoado.

Rhy, por outro lado, com a pele morena, o cabelo preto e os olhos cor de âmbar, era todo de Londres, todo Maresh, todo da realeza.

Kell percebeu o embaraço do príncipe e o pergaminho aberto diante dele. Ele se ajoelhou diante de Rhy de forma que o tecido da sua capa se amontoou nas pedras à sua volta.

— Onde você arrumou isso? — perguntou Kell com uma óbvia pontada de desagrado na voz.

— Peguei de Tieren — respondeu Rhy. Seu irmão lhe lançou um olhar desconfiado e Rhy arremedou: — Do escritório de Tieren.

Kell passou os olhos de relance pelo feitiço e franziu o cenho.

— Uma chama eterna?

Com ar distraído, Rhy pegou um dos lins que estava no chão e deu de ombros.

— Foi o primeiro que vi. — Ele tentou fingir que não se importava com aquele feitiço estúpido, mas sentia um nó na garganta e uma ardência nos olhos. — Não importa — retrucou, jogando a moeda no chão como se atirasse uma pedra num rio. — Não consigo fazer com que funcione.

Kell se ajeitou, os lábios se movendo silenciosamente conforme lia os rabiscos do sacerdote. Ele manteve a mão acima do papel, as palmas em concha como se estivesse

aninhando uma chama que ainda nem estava ali, e começou a recitar o feitiço. Quando Rhy tentou, as palavras caíram como pedras, mas nos lábios de Kell elas se tornaram poesia: suaves e sibilantes.

O ar ao redor deles se aqueceu imediatamente e um vapor emergiu das linhas escritas no pergaminho. Logo depois a tinta se reuniu e subiu, formando uma gota de óleo que ardeu.

A chama pairou no ar entre as mãos de Kell, branca e cintilante.

Ele fazia aquilo parecer tão fácil, e Rhy sentiu uma pontada de raiva do irmão, quente como uma fagulha — e tão breve quanto.

Não era culpa de Kell que Rhy não conseguisse fazer magia. Rhy começou a se levantar quando Kell agarrou os punhos da camisa dele. Ele guiou as mãos do irmão, posicionando-as de cada lado do feitiço e puxando o príncipe para o centro da sua magia. Um calor formigou na palma das mãos de Rhy, que ficou dividido entre o prazer diante do poder e a consciência de que o poder não era seu.

— Não está certo — murmurou ele. — Sou príncipe da coroa, herdeiro de Maxim Maresh. Eu devia ser capaz de acender o raio de uma vela.

Kell mordeu o lábio. A mãe nunca ralhava com *ele* por causa desse mau hábito. E então disse:

— Há tipos diferentes de poder.

— Eu preferia ter magia a uma coroa — resmungou Rhy.

Kell observou a pequena chama branca entre eles.

— A coroa é uma espécie de magia, se você parar para pensar. Um mago governa um elemento. Um rei governa um império.

— Apenas se o rei for forte o bastante.

Kell então ergueu os olhos.

— Você será um bom rei, se não se meter em confusão e morrer antes.

Rhy suspirou, fazendo a chama estremecer.

— Como você sabe?

Diante disso, Kell sorriu. Era algo raro, e Rhy queria que perdurasse. Ele era o único que conseguia fazer o irmão sorrir, uma capacidade da qual se orgulhava. Mas então Kell disse:

— Magia. — E Rhy quis lhe dar um soco.

— Você é um idiota — resmungou ele, tentando se desvencilhar, mas os dedos do irmão o seguraram com mais força.

— Não solte.

— Me largue — disse Rhy, primeiro em tom de brincadeira, mas então, conforme o fogo ficava mais brilhante e quente entre a palma das suas mãos, ele pediu de novo, com sinceridade: — Pare. Você está me machucando.

O calor lambeu os seus dedos, e uma dor incandescente subiu lancinante por suas mãos e braços.

— Pare — implorou ele. — Kell, *pare*.

Mas, quando Rhy desviou os olhos do fogo para o rosto do irmão, não foi isso que viu. Não era o rosto de Kell, mas uma poça de escuridão. Rhy arfou e tentou se desvencilhar, porém o irmão não era mais de carne e osso e, sim, de pedra, as mãos entalhadas como algemas ao redor dos punhos de Rhy.

Isso não estava certo, pensou ele. Tinha de ser um sonho — um pesadelo —, mas o calor do fogo e a pressão esmagadora nos seus pulsos eram demasiadamente reais. E ficavam

piores a cada pulsação, a cada respiração.

A chama entre eles se tornou alongada e fina, assumindo a forma de uma lâmina de luz afiada cuja ponta estava direcionada para o teto. E então, lenta e terrivelmente, ela apontou para Rhy. Ele lutou e gritou, mas nada foi capaz de parar a faca enquanto ela ardia e se enterrava no seu peito.

Dor.

Faça parar.

A lâmina trinchou o caminho por entre as suas costelas, queimou os ossos e atravessou o coração. Rhy tentou gritar e engasgou com a fumaça. Seu peito era uma enorme ferida aberta e reluzente.

A voz de Kell soou, não da estátua, mas de algum outro lugar. Algum lugar longe e desvanecente. *Não desista.*

Mas doía. Doía demais.

Pare.

Rhy estava queimando de dentro para fora.

Por favor.

Morrendo.

Resista.

De novo.



Por um instante, a escuridão deu lugar a feixes de cor, um teto de tecidos ondulantes, um rosto familiar pairando no canto da sua visão turva pelas lágrimas. E olhos cor de tempestade arregalados de preocupação.

— Luc? — chamou Rhy com voz rouca.

— Estou aqui — respondeu Alucard. — Estou aqui. Fique comigo.

Ele tentou falar, mas o seu coração martelou nas costelas como se estivesse tentando quebrá-las para escapar.

Ele acelerou e então fraquejou.

— Encontraram Kell? — perguntou uma voz.

— Saia de perto de mim — ordenou outra.

— Todos para *fora*.

A visão de Rhy ficou turva.

O quarto oscilou, as vozes ficaram abafadas, e a dor deu lugar a algo pior, à agonia lancinante da faca invisível se dissolvendo em algo gélido conforme seu corpo lutava e falhava, lutava e falhava, e falhava e...

Não, implorou ele, mas sentia os fios sendo rompidos dentro de si, um por um, até que nada mais restou para sustentá-lo.

Até que o rosto de Alucard sumiu e o quarto se dissolveu.

Até que a escuridão envolveu Rhy com seus braços pesados e o enterrou.

V

Alucard Emery não estava acostumado a se sentir impotente.

Poucas horas antes, ele havia vencido o *Essen Tasch* e sido aclamado o mago mais poderoso dos três impérios. Mas agora, sentado à beira da cama de Rhy, não tinha ideia do que fazer. De como ajudar. De como salvá-lo.

O mago observou o príncipe se encolher, mortalmente pálido nos lençóis embolados. Observou Rhy berrar de dor, atacado por algo que nem mesmo Alucard conseguia ver ou combater. E ele teria agido, teria ido aos confins do mundo para manter Rhy a salvo. Mas, seja lá o que for que matava o príncipe, não estava ali.

— O que está *acontecendo*? — perguntou ele dezenas de vezes. — O que posso *fazer*?

Mas não houve resposta, então tudo que pôde fazer foi tentar compreender as súplicas da rainha, as ordens do rei, as palavras urgentes de Lila e os ecos das vozes diligentes dos guardas. E todos eles chamavam por Kell.

Alucard se inclinou para a frente, agarrou a mão do príncipe e observou os fios mágicos ao redor do corpo de Rhy se esfiaparem, ameaçando se romper.

Outros olhavam para o mundo e viam luz, sombra e cores, porém Alucard Emery sempre foi capaz de enxergar mais. Sempre conseguiu ver a urdidura e a trama do poder, o padrão da magia. Não apenas a aura de um feitiço ou o resíduo de um encantamento, mas o tom da verdadeira magia que circundava uma pessoa e pulsava nas veias. Todos conseguiam ver a luz vermelha do Atol, mas Alucard divisava o mundo inteiro em feixes de cores vívidas. Poços naturais de magia cintilavam em carmesim. Magos elementais eram envoltos em verde e azul. Maldições exalavam roxo. Feitiços poderosos queimavam em dourado. Um *Antari*? Eles sozinhos irradiavam uma luz preta porém iridescente: não apenas uma cor, mas todas as cores combinadas juntas, naturais e não naturais, fios reluzentes e trêmulos que se enrolavam como seda ao redor e dançavam sobre a pele deles.

Alucard agora assistia a esses mesmos fios desfiando e se rompendo ao redor do príncipe em posição fetal.

Isso não estava certo. A minguada magia de Rhy sempre exibiu um verde-escuro (certa vez ele contara isso ao príncipe, apenas para observar as feições dele se enrugarem em desgosto, pois Rhy nunca gostou dessa cor).

Mas, no instante em que ele pôs os olhos em Rhy, depois de ficar três anos longe, Alucard soube que o príncipe estava diferente. *Alterado*. Não era o formato do queixo, nem a largura dos ombros ou as olheiras. Era a magia atrelada a ele. O poder vivia e respirava, estava fadado a se mover ao longo da vida de uma pessoa. Mas essa nova magia ao redor de Rhy estava imóvel, os fios enrolados tão apertados como uma corda em volta do corpo do príncipe.

E cada um deles brilhava como óleo na água. Fundindo cor e luz.

Naquela noite, no quarto de Rhy, quando Alucard deslizou a túnica para o lado para beijar o ombro do príncipe, ele viu o ponto onde os fios prateados se prendiam à pele de Rhy, tecendo cicatrizes circulares sobre o coração. Ele não precisou perguntar quem havia conjurado o feitiço — somente um *Antari* lhe vinha à mente —, mas Alucard não conseguia entender *como* Kell havia feito aquilo. Normalmente ele conseguia compreender um pedaço de magia ao olhar sua trama, mas os fios do feitiço não tinham começo nem fim. Os fios da magia de Kell mergulhavam diretamente no coração de Rhy e então se perdiam. Não, não se perdiam; eles se *enterravam*. O feitiço era rígido, imperturbável.

E agora, de alguma forma, estava ruindo.

Os fios se partiam, um a um, sob uma força invisível. A cada cordão perdido soava um soluço, uma respiração trêmula do príncipe semiconsciente. A cada títere esfiapado...

Então era disso que se tratava, ele percebeu. Não apenas um feitiço, mas um tipo de *vínculo*. Com Kell.

Ele não sabia *por que* a vida do príncipe estava atrelada à do *Antari*. Nem queria imaginar, apesar de agora ter visto a cicatriz no meio das costelas trêmulas de Rhy, tão larga quanto o gume de uma adaga, e a compreensão o atingiu sem aviso, deixando-o enjoado e desamparado. Mas o vínculo estava se partindo, de modo que Alucard fez a única coisa que podia fazer.

Ele segurou a mão do príncipe e tentou verter o seu próprio poder nos fios em frangalhos, como se a luz azul de tormenta da sua magia pudesse se fundir com a luz iridescente de Kell em vez de ser inutilmente absorvida. Ele rezou para todos os poderes do mundo, para cada santo, cada sacerdote e cada figura abençoada — tanto para aqueles em que acreditava como para aqueles em que não acreditava — rogando força. E, quando ninguém respondeu, ele começou a falar com Rhy. Não lhe disse que aguentasse firme, não lhe pediu que fosse forte.

Em vez disso, falou do passado. Do passado *deles*.

— Você se lembra daquela noite, a véspera da minha partida? — Ele se esforçou para manter o medo longe da voz. — Você nunca respondeu a minha pergunta.

Alucard fechou os olhos, em parte para visualizar a lembrança e em parte porque não suportava ver o príncipe sentindo tamanha dor.

Era verão, e eles estavam deitados na cama, os corpos entrelaçados e quentes. Ele deslizou a mão pela pele perfeita de Rhy e, quando o príncipe ficou envaidecido, ele disse: — Um dia você ficará velho e enrugado, e eu ainda vou te amar.

— Nunca ficarei velho — retrucou o príncipe com a certeza típica de alguém jovem, saudável e terrivelmente ingênuo.

— Então você planeja morrer jovem? — provocou ele, e Rhy encolheu elegantemente os ombros.

— Ou viver para sempre.

— Ah, é mesmo?

O príncipe afastou um cacho escuro da frente dos olhos.

— Morrer é tão mundano.

— E como, exatamente — perguntou Alucard, apoiando-se num dos cotovelos —, você pretende viver para sempre?

Rhy o puxou para baixo e então encerrou a conversa com um beijo.

Agora ele tremia sobre a cama, um soluço lhe escapou por entre os dentes cerrados. Os seus cachos pretos estavam grudados ao rosto. A rainha requisitou um pano úmido, requisitou o sumo sacerdote, requisitou Kell. Alucard segurava a mão do seu amante.

— Sinto muito por ter ido embora. Sinto muito. Mas estou aqui agora, então você não pode morrer — disse ele, com a voz enfim vacilante. — Não vê como isso seria rude, logo quando vim de tão longe?

A mão do príncipe o apertou mais forte quando seu corpo entrou em convulsão.

O peito de Rhy subiu e desceu num último e violento tremor.

E, em seguida, ele ficou imóvel.

E por um instante Alucard se sentiu aliviado porque Rhy finalmente estava descansando, finalmente tinha adormecido. Por um instante, tudo estava bem. Por um instante...

E então tudo se despedaçou.

Alguém gritava.
Os sacerdotes avançavam.
Os guardas o tiravam dali.
Alucard olhou para o príncipe.
Ele não compreendia.
Não *podia* compreender.
E então a mão de Rhy escorregou da sua e caiu na cama.
Sem vida.
Os últimos fios prateados estavam se soltando, deslizando da sua pele como lençóis no verão.
E logo *ele* começou a gritar.
Alucard não se lembra de nada do que aconteceu depois disso.

VI

Por um instante aterrorizante, Lila deixou de existir.

Ela sentiu como se estivesse sendo desfiada, despedaçada em milhões de fios, cada um sendo esticado, esfiapado e ameaçando arrebentar conforme ela saía do mundo, da própria vida — em direção ao nada. E então, tão repentinamente quanto antes, ela se viu cambaleando e caindo de quatro no meio da rua.

Ela deu um grito curto e involuntário quando chegou ao chão, sentindo os membros trêmulos e a cabeça ressoando como um sino.

O chão sob a palma das mãos — e *havia* um chão, de modo que ao menos isso era um bom sinal — era áspero e frio. A atmosfera estava calma. Sem fogos de artifício. Nenhuma música. Lila se levantou com muito esforço, o sangue pingando dos seus dedos e do seu nariz. Ela o limpou, salpicando as pedras de pontos vermelhos conforme desembainhava a faca e mudava de posição, apoiando as costas na parede gélida. Ela se lembrava da última vez em que estivera ali, nessa Londres, os olhos ávidos de homens e mulheres famintos por poder.

Um lampejo de cor chamou a sua atenção e ela olhou para cima.

O céu sobre a sua cabeça estava matizado pelo pôr do sol: cor-de-rosa, roxo e um tom de ouro reluzente. Mas o problema é que a Londres Branca *não tinha* cor, não dessa maneira, e por um terrível instante ela pensou que tivesse atravessado para *outra* cidade, outro mundo, e que ficaria presa ainda mais longe de casa. Onde quer que a sua casa fosse agora.

Mas não, Lila reconheceu a rua sob as suas botas, o castelo que se erguia em torres góticas e pontiagudas para o céu em contraste com o sol que se punha. Era a mesma cidade, ainda que estivesse completamente mudada. Passaram-se apenas quatro meses desde que ela estivera ali, quatro meses desde que ela e Kell enfrentaram os gêmeos Dane. Naquela época, esse mundo era feito de gelo, cinzas e frias pedras brancas. E agora... Agora um homem passava por ela na rua e *sorria*. Não a careta retorcida de alguém faminto, mas o sorriso tímido daqueles que estão satisfeitos, daqueles que foram abençoados.

Isso estava errado.

Quatro meses, e nesse meio-tempo ela aprendeu a sentir a magia, a sua presença e até mesmo o seu propósito. Não conseguia *vê-la*, não como Alucard fazia, mas a cada respiração ela sentia o gosto do poder no ar como se fosse açúcar; doce e forte o suficiente para enjoar. O ar da noite cintilava com o poder.

O que será que estava acontecendo?

E onde estava Kell?

Lila sabia onde *ela* estava, ou ao menos onde escolheu atravessar, e então seguiu o muro alto que contornava a esquina até os portões do castelo. Eles estavam abertos e havia uma hera de inverno entremeada e subindo pelo ferro. Lila se forçou a parar pela segunda vez. A Floresta de Pedra, outrora um jardim repleto de cadáveres, se foi, substituída por um trecho realmente cheio de árvores e por guardas de armadura reluzente flanqueando os degraus do castelo em posição de alerta.

Kell tinha de estar lá dentro. Havia uma ligação entre eles, fina como uma linha, porém estranhamente forte. Lila não sabia se era feita de magia ou de algo diferente, mas a atraía para o castelo como uma espécie de gravidade. Ela tentou não pensar no que isso significava, em quanto mais ela teria de avançar e em quantas pessoas precisaria enfrentar para encontrá-lo.

Não havia um feitiço de localização?

Lila vasculhou a sua mente em busca das palavras. *As Travars* a havia transportado entre mundos, e *As Tascen* era a forma de se mover entre lugares diferentes dentro de um *mesmo* mundo. Mas e se ela quisesse encontrar uma pessoa, não um lugar?

Ela se amaldiçoou por não conhecer as palavras, por nunca ter perguntado. Kell lhe contou uma vez que encontrou Rhy depois de ele ter sido sequestrado, ainda menino. Que feitiço havia usado? Ela vasculhou a memória e se lembrou de algo que Rhy fez com as próprias mãos. Um cavalo de madeira? Outra imagem lhe veio à mente, a de um lenço — o lenço dela — encerrado na mão de Kell quando ele a encontrou pela primeira vez, na *Stone's Throw*. Mas Lila não possuía nada que pertencesse a ele. Nenhum souvenir. Nenhum objeto.

Veio o pânico, e ela lutou contra ele.

E daí que não tivesse um amuleto para guiá-la? As pessoas eram mais do que aquilo que possuíam, e com certeza os objetos não eram as únicas coisas que continham marcas. Elas eram feitas de fragmentos, palavras... lembranças.

E estas Lila possuía.

Ela pressionou a palma da mão ainda ensanguentada no portão do castelo, o frio do ferro penetrando na ferida superficial enquanto ela cerrava os olhos e conjurava Kell. Primeiro com a lembrança da noite em que se conheceram, no beco em que ela o furtou, e então depois, quando ele atravessou a parede do quarto dela. Um estranho amarrado à sua cama, o gosto da magia, a promessa de liberdade, o medo de ser deixada para trás. De mãos dadas através de um mundo, e depois mais outro, imprensados um contra o outro enquanto se escondiam de Holland, enfrentando o malicioso Fletcher e lutando contra o não Rhy. O horror que assolou o palácio e a batalha na Londres Branca, quando o corpo ensanguentado de Kell se enroscou no dela em meio aos destroços da Floresta de Pedra. As peças quebradas que se tornaram a vida deles quando se separaram. E então o reencontro. Uma partida jogada por trás de máscaras. Um novo abraço. As mãos dele queimando na sua cintura quando dançaram, a boca de Kell ardendo contra a dela quando se beijaram, os corpos se golpeando como espadas na sacada do palácio. O calor aterrorizante e depois, cedo demais, o frio. O colapso dela na arena. A fúria dele arremessada como uma arma antes de ele virar as costas. Antes de ela deixá-lo ir.

Mas ela veio até aqui para levá-lo de volta.

Lila se preparou mais uma vez, a mandíbula cerrada diante da expectativa da dor que estava por vir.

Ela sustentou as lembranças na mente, pressionou-as no muro como se fossem um símbolo e proferiu as palavras.

— *As Tascen Kell*.

Pressionado na sua mão, o portão estremeceu e o mundo se desfez conforme Lila o atravessava cambaleando, saindo da rua para o aposento pálido e polido de um dos corredores do castelo.

Tochas ardiam em arandelas ao longo das paredes, passos soavam ao longe, e Lila se permitiu sentir uma breve satisfação, até mesmo alívio, antes de perceber que Kell não estava ali. A cabeça dela doía, um xingamento começou a ser emitido pelos seus lábios quando, do outro lado da porta à sua esquerda, ela ouviu um grito abafado.

O sangue de Lila se enregelou.

Kell. Ela alcançou a porta, mas, assim que os seus dedos se fecharam ao redor da maçaneta, Lila percebeu o assobio reverberante de metal cortando ar. Ela se afastou para o lado quando a faca se enterrou na madeira onde Lila estivera um segundo antes. Um cordão preto delineou o percurso do cabo da faca no ar, e ela se virou, seguindo a linha até uma mulher que usava um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Tons de Magia #3) Uma Conjuração de L..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).